



A Europa da Física

Carlos Fiolhais

Passo a passo, a Europa da Ciência tem vindo a ser construída e, dentro dela, a Europa da Física. Dois dos meios que tem ajudado a essa construção têm sido a revista *European Physical Journal* (abreviadamente *EPJ*), publicada por um consórcio germânico-franco-italiano (Springer, EDP Sciences e Sociedade Italiana de Física), e a revista *Europhysics Letters* (*EPL*), pertencente à Sociedade Europeia de Física e publicada por um consórcio franco-italiano-britânico (EDP Sciences, Sociedade Italiana de Física e Institute of Physics).

A *EPJ* nasceu em 1998 da reunião de revistas de grande tradição como o *Zeitschrift für Physik*, o *Journal de Physique* e *Il Nuovo Cimento*, e ainda de periódicos menos conhecidos: *Acta Physica Hungarica*, *Czechoslovak Journal of Physics* e *Portugaliae Physica*. A nossa *Portugaliae Physica*, fundada em 1943 por pioneiros da Física moderna em Portugal, acabou em favor do projecto europeu. Por sua vez, a *EPL*, que agora está a celebrar 25 anos, reúne o apoio das várias sociedades de Física europeias federadas na Sociedade Europeia de Física, entre as quais a Sociedade Portuguesa de Física.

O extinto *Zeitschrift für Physik* remonta a 1920, tendo surgido, sob proposta de um comité de sábios que incluía Albert Einstein, como sequela dos *Verhandlungen* da Sociedade de Física de Berlim,

iniciados no longínquo ano de 1845. Antes da Segunda Guerra Mundial era considerada uma das melhores revistas de Física do mundo. No pós-guerra, começou, porém, a perder terreno relativamente às publicações da Sociedade Americana de Física, como a *Physical Review* (*PR*), com alguns pergaminhos pois tinha sido fundada em 1893, e a *Physical Review Letters* (*PRL*), de 1958. Estas últimas detêm hoje a primazia na cena internacional, apresentando, em geral, factores de impacto mais elevados. De um modo pragmático, os físicos, principalmente os mais jovens, preferem-nas para o envio dos seus artigos por saberem que os seus currículos ficam a brilhar mais de cada vez que vencem as barreiras dos *referees* da *PR* e da *PRL*. Contudo, os físicos do Velho Continente, incluindo os portugueses, bem poderiam privilegiar as revistas europeias, tentando mudar os factores de impacto e reforçando a coesão europeia.

Se a união dos países europeus tem sido algo atribulada na política, não o tem sido menos na Física. Em contraste com a *EPL*, que reúne físicos de um e de outro lado do canal da Mancha, a *EPJ*, que se desdobra em secções devotadas aos vários ramos da Física (a última, *EPJ – H*, é dedicada a “perspectivas históricas da física contemporânea”), enfrenta revistas concorrentes da responsabilidade do Institute of Physics. A Europa, para falar a uma só voz na área da Física, necessita de uma maior colaboração dos físicos que trabalham no continente e nas ilhas britânicas. Se continuar segmentada como está na difusão de artigos originais de Física, dificilmente conseguirá enfrentar os Estados Unidos. Este ano, que na Física é o do centenário da descoberta do núcleo atómico, teve lugar em Lisboa, sob presidência portuguesa, uma reunião do Conselho Científico da *EPJ*, que agrega representantes de numerosos países europeus. Como, à beira Tejo, já houve, a nível político, a Declaração de Lisboa e o Tratado de Lisboa, espera-se que as Tágides possam de novo inspirar uma maior união europeia, desta vez dos físicos. Poder-se-á dizer que tanto a Declaração como o Tratado se revelaram menos frutíferos do que, nos momentos da respectiva assinatura, foi desejo geral. É verdade. Mas também é verdade que, a nível das ciências físicas, deveriam ser menores os impedimentos a um acréscimo federalismo científico que dê força a todos e a cada um.